

## **A Primeira Infância e os Desafios do Milênio, sob o Olhar do Pediatra**

José Martins Filho<sup>1</sup>

Os conhecimentos em pediatria evoluem com uma rapidez tão grande quanto o crescimento de nossas crianças. O início da vida, os chamados primeiros mil dias, que incluem a gestação e os dois anos que lhe seguem, cada vez mais tem chamado intensamente a atenção dos pesquisadores de todas as áreas do conhecimento, mas para os pediatras, particularmente, as informações mais recentes sobre neurofisiologia cerebral e a importância da velocidade com que os neurônios e suas conexões, as sinapses, se desenvolvem em velocidade altíssima (900 novas sinapses por segundo, segundo alguns trabalhos) trazem subsídios e indagações importantíssimas.

Assim é que cada vez mais temos o testemunho de que atitudes alimentares, como o aleitamento materno, e sentimentos como o vínculo, o afeto, o apego e os cuidados das famílias com suas crianças, jogam papel fundamental na gênese do bem-estar psicológico, social e biológico! As consequências neurofisiológicas de crianças não cuidadas, não atendidas, não acalentadas são cada vez mais conhecidas e valorizadas, e novas patologias ou agressões, algumas conhecidas como estresse tóxico precoce infantil, mostram a importância para o resto da vida desses primeiros tempos da existência.

Vivemos um momento social difícil porque não só as famílias mais carentes acabam não tendo tempo para seus filhos, como seria desejado, mas infelizmente muitas vezes o excesso de trabalho, a preocupação intensa com as atividades profissionais, o número cada vez mais crescente de casais separados e ainda com filhos pequenos, também tem papel fundamental no desencadeamento desse chamado estresse tóxico, que necessita a "posteriori" grande investimento terapêutico para recuperar essas pessoas que sofrem esses tipos de desgaste.

Como pediatra, exercendo a profissão há mais de 40 anos, sempre costumo dizer que para uma criança, não basta trocar fraldas, amamentar ou dar mamadeira, e banho... é preciso mais.

---

<sup>1</sup>Prof. Dr. José Martins Filho

Titular emérito de pediatria da Unicamp

Presidente da Academia Brasileira de Pediatria.

Escritor e Conferencista.

Porque afeto e carinho nutrem e sua ausência é realmente perigosa e danosa para o desenvolvimento da personalidade. Alie-se a isso a necessidade cada vez mais urgente dos governos e das sociedades desencadearem soluções para resolver o problema dos pais e não das crianças, como é o caso das creches para onde as crianças são enviadas muito precocemente, sem que as pessoas se deem conta, como alguns filósofos dizem, que a creche precoce, aos 4 meses de idade, as vezes antes., sempre gera nas crianças uma sensação de perda...; as vezes alguns pesquisadores falam de uma síndrome de ausência maternal.( de privação materna) além claro dos problemas imunológicos e as carências psíquicas, afetivas e biológicas.. Todos nós sabemos que uma criança só vai ter sua imunidade completa e em boa situação de defesa por volta dos dois anos de idade, quando então, sim. Está apta a ir para creches ou escolinhas e conviver com menos risco infeccioso e até mesmo psicológico.

Esse é um conceito difícil de ser colocado claramente em nossa sociedade. Há evidentemente, e é compreensível, resistências para serem vencidas e para que possamos lutar por uma legislação que privilegie a relação mãe filho e também pai filho. As resistências compreensíveis encontramos em todos os setores: no político, no administrativo, no econômico, no social e até mesmo no seio de algumas famílias e de algumas mães que nem sempre tem condições de abrir mão de sua realização pessoal e profissional para ficar com seus filhos pelo menos nos primeiros mil dias ( até o final do segundo ano), o que aliás já existe em outras regiões do mundo, particularmente em alguns Países mais ricos que podem e compreendem a necessidade de uma atenção especial pra esse período.

Estamos falando, obviamente da licença maternidade que no Brasil com seus 4 meses e excepcionalmente 6 meses, está muito longe de muitos países que chegam a dar dois anos de licença maternidade para a mãe e as vezes até um ano para o pai, caso a mãe, depois de cessada a amamentação, volte antes para o trabalho. Esses países, essas sociedades, entendem que o melhor lugar para uma criança até os dois anos de idade é a sua família e de preferência no seu lar. No Brasil temos feito tentativas várias de aumentar esse período. Temos que ir atrás dos Países mais adiantados na proteção de suas crianças. Precisamos atingir preliminarmente um ano de licença maternidade e depois, com tempo, chegarmos aos dois anos.

A situação é de tal forma contraditória, que o nosso discurso dos primeiros mil dias, e da importância desse tempo, aliado à luta pelo aleitamento materno com a OMS

insistindo nos dois anos de vida do bebê, como meta de amamentação, esbarra, se choca, seriamente com a nossa situação de apenas 4 meses de licença maternidade. As mães, as famílias se perguntam: "Como posso amamentar até dois anos se tenho que voltar ao trabalho com 4 meses e excepcionalmente aos 6"?

Se queremos preparar nossas crianças com competência para atingirem mais saúde e paz neste novo milênio, temos que entender que temos que ser seriamente comprometidos com a questão da primeira infância e temos que valorizar fundamentalmente esse período inicial da vida e a íntima relação com os problemas familiares e ambientais. Pais, professores, profissionais da área da saúde tem que entender que é preciso dar atenção e presença constante, firme, suave e educadora para essas crianças.

Em vários dos meus livros, abordo esses assuntos e cada vez fica claro para mim que uma sociedade violenta como a que temos na maioria dos países, pobres ou ricos, além das injustiças sociais e econômicas, com a marginalização das famílias com seus filhos tem muito a ver não só com a situação econômica, com a falta de moradia, com o desemprego familiar, mas também sem dúvida precisamos pensar na gênese da violência em função dos acontecimentos da primeira infância.

O Desapego, o abandono, a terceirização infantil, os maus tratos, tem a ver com o desenvolvimento sério de problemas emocionais e comportamentais que afetam a vida nos primeiros tempos e persistem muitas vezes pelo resto da vida. É o que muitos autores chamam de "A gênese da violência na primeira infância." Eu abordo esses temas em alguns dos meus livros, principalmente no "Criança terceirizada". Os descaminhos das relações familiares no mundo moderno! E no " Quem cuidará das crianças? E ainda no " O nascimento e a família. Alegrias, surpresas e preocupações. " Também discutimos esse assunto no " Cuidado, afeto e limites. Uma combinação possível", publicado em parceria com Ivan Capellato.

Claro está que os desafios do milênio não terminam só com essa nova luta e a compreensão das autoridades para aumentar a licença maternidade e a conscientização dos profissionais da área da saúde (pediatras, psicólogos, assistentes sociais, etc.) e principalmente dos pais sobre essa questão.

Os desafios nutricionais (e em especial o estímulo do aleitamento materno), a melhoria da atenção à saúde, a utilização universal das proteções vacinais, o lazer e as escolas são fundamentais. Educação, saúde, e família consistem nos grandes desafios para que as novas gerações que neste momento se desenvolvem atinjam a meta que temos

desejado para a nossa humanidade. Esta geração de crianças tem chance de chegar aos 100 anos em boas condições biológicas e psicológicas... O apoio dos governos, e das famílias percebendo que as gerações que chegam são as que farão o futuro da humanidade, é fundamental e principalmente costumo repetir que “ educar dá trabalho se não estivermos tendo trabalho é porque não estamos educando. “

Tirar as crianças da rua criando centros de lazer e de esportes e principalmente tentando modificar as nossas estatísticas brasileiras que mostram que a " geração nem" (não estudam e não trabalham) estão acima dos 10% das crianças na idade da adolescência, são fundamentais.

Estou convencido que as gerações mais velhas, tem que se conscientizar de que os jovens e principalmente os muito jovens (primeira infância) são prioritários e devem ser cuidados, apoiados, bem nutridos e tratados com carinho e atenção. Desta maneira, enfrentando estes desafios seguramente estaremos cumprindo nossas metas de bem-estar familiar e social.

Finalmente é preciso lembrar que esses desafios começam muito cedo, já na gestão bem cuidada e principalmente nossa luta em defesa dos partos naturais, pois os estudos mostram que crianças nascidas em partos operatórios (cesáreas) já começam a ser tratadas inadequadamente, pois entre essas a incidência de infecções e de, alergias, principalmente respiratórias são evidentemente mais altas, ou seja, o desafio começa na fecundação, continua na gestação e no parto e se segue principalmente na Primeira infância, particularmente nos primeiros mil dias com crianças, amamentadas, bem vacinadas, alimentadas, tratadas com carinho e atenção, com vínculo e apego e principalmente dentro de famílias em que seja possível educa-las colocando os limites necessários, com amor, e que formem a personalidade cordata necessária para toda a nossa humanidade.

Apenas uma última colocação. Precisamos em caráter de urgência mudar nossa tendência a achar que a solução para as crianças é coloca-las em creches precocemente. Isso não está correto. O que precisamos é, uma conscientização de políticas públicas que melhorem a situação das mães trabalhadoras. A licença maternidade tem que ser ampliada. Os trabalhos e as análises econômicas mostram que sai mais barato para o governo, porque as crianças ficam muito menos doentes, necessitam menos cuidados médicos e psicológicos e a o absentismo materno ao trabalho também cai muito mais, porque a mãe de um bebê enfermo, não tem condições de trabalhar em paz. Espero que

esta minha mensagem surta efeito entre os nossos administradores e governantes uma atitude nesse sentido se impõem.